

ANAIS DO  
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E  
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV  
Coleção da *Revista de História*  
sob a direção do Professor  
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil  
1971

## CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA DIFUSÃO DO USO DA SÊDA NO IMPÉRIO ROMANO (\*).

*EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA.*

Professor de História da Civilização Antiga e Medieval  
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O estudo das relações entre o Ocidente e o Oriente durante a Antiguidade e a Idade Média foi sempre objeto de nossos estudos. Escrevemos mesmo sobre o assunto diversos artigos, sendo o principal publicado na nossa *Revista de História* (1). Mas nesses trabalhos sempre destacamos e demos ênfase ao problema da Rota da Sêda que ligava o mundo mediterrâneo à velha China.

Ao retomarmos em mãos as nossas fichas, deparamos com um grande número delas contendo referências encontradas nos autores latinos do fim da República e durante toda a vida do Império Romano do Ocidente. Daí a idéia que nos veio à mente de aproveitá-las para apresentar a este Simpósio Nacional de Professores Universitários de História (APUH) uma comunicação em que ficasse patente como através dos autores clássicos poderíamos ter uma noção da ampliação do horizonte geo-político romano em virtude da conquista territorial que ampliou o domínio do pequeno Lácio a todo o contorno do *Mare Nostrum*. Esse aumento da influência romana pode ser perfeitamente medido através desses textos. É o que vamos procurar demonstrar neste modesto trabalho.

\* \*  
\*

Roma, no início de sua existência como Estado só se utilizava de tecidos de lã, pelo menos as descrições que possuímos das vestes

(\*) . — Comunicação apresentada na 1ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 2 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).

(1) . — Cf. *O comércio de Bizâncio com o Extremo Oriente*, in "Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras" n° 8, 1941; *Alguns aspectos das relações do Ocidente com o Extremo-Ocidente durante a Antiguidade e a Idade Média*, in "Revista de História" n° 43, 1960; *As relações do Ocidente com o Extremo-Ocidente durante a Idade Média*, in "Anais do I Colóquio Brasil-Japão", 1967.

dos seus cidadãos, desde as mais simples até as togas senatoriais, indicam o uso desse tecido. Mas tudo mudará com o alargamento das fronteiras do mundo romano.

Parece que os romanos tiveram conhecimento da existência da sêda (2) durante a batalha de Carras (3), quando Crasso (4) foi esmagado pelos partas. Foi pelo menos isso que disseram os sobreviventes, talvez para justificar a fuga do campo de batalha. Atribuíram a sua derrota ao aparecimento de nuvens amarelas e vermelhas por cima das tropas partas. Seriam talvez bandeiras de sêda postas a tremular ao vento, dando a impressão de imensas nuvens de fogo. Com essa visão e os ensurdecedores gritos dos soldados asiáticos os legionários debandaram.

Parece também ter sido Júlio César (101-44 a. C.) (5), — sem dúvida conhecedor da sêda no Oriente — quem teria introduzido esse tecido em Roma por ocasião do seu triunfo (45 a. C.). Mesmo assim teriam sido apenas pedaços de sêda. Mais tarde as matronas exibiram porções desse tecido aplicado às suas vestes, como sinal de grande distinção.

- 
- (2). — Vide o interessante livro de Luce Boulnois, *La route de la soie*. Paris, Arthaud, 1963. Prefácio de Paul Demiéville. 318 páginas, 56 pranchas e 11 mapas.
  - (3). — *Carrhae* em latim. *Haran* e *Charan* na Bíblia. Modernamente *Harran*; cidade situada ao sul de Edessa e célebre pela passagem do patriarca Abraão e pela derrota de Crasso em 55 a. C. e de Galério em 296.
  - (4). — *M. Licinius Crassus*, triúmviro, célebre pelas suas riquezas adquiridas em grande parte à custa das vítimas das prescrições de Sila. Pretor em 71 a. C. acabou definitivamente com a guerra de Espártaco. Cônsul no ano seguinte. Em 60 a. C. formou com Pompeu e Júlio César o 1º Triunvirato. Fêz-se nomear governador da Síria e encarregado da guerra contra os partas. A campanha teve um começo feliz com a rendição de Babilônia e de Selêucia, mas deu tempo aos partas de refazerem suas forças. Surena, general de Orodes, rei dos partas, derrotou Crasso completamente em Carras no ano 53 a. C. Cerca de 30.000 romanos foram mortos e Crasso, que se rendera e procurava parlamentar, foi morto na tenda de Surena, por ordem deste.
  - (5). — *C. Julius Caesar*, general romano, ditador perpétuo, nasceu em Roma em 101 a. C. e morreu em 44 a. C. Sobrinho de Mário e genro de Cíneo. Proscrito por Sila na sua juventude, refugiou-se na Corte de Nicomedes, rei da Bitínia. Voltou a Roma após a morte de Sila. Suspeito de tomar parte na conspiração de Catilina, ficou de quarentena certo tempo. Cônsul em 59 a. C., associou-se a Pompeu e Crasso, formando o 1º Triunvirato. Governador da Gália por 5 anos, fêz prorrogar seu mandato por mais um lustro. Em 10 anos conquistou a Gália, chegando até a Grã-Bretanha. Pompeu conseguiu um decreto destituindo-o do seu comando, o que fêz com que marchasse sobre Roma. Pompeu fugiu com o Senado, e depois de várias derrotas foi morto por ordem de Ptolomeu, rei do Egito. Foi então que César conheceu Cleópatra de quem teve um filho — Cesarião. Senhor absoluto do poder, foi, entretanto, abatido por uma conspiração em pleno Senado em idos de março de 44 a. C. É autor do famoso *De Bello Gallico*.

Com Augusto (63 a. C.-14 d. C.) a sêda vai se tornando cada vez mais comum, significando êsse fato uma prova palpável da abertura do horizonte comercial dos romanos rumo aos portos do Levante.

Com a conquista e o carreamento das riquezas do mundo helenístico para Roma a sua classe dirigente, a *nobilitas*, tornou-se cada vez mais exigente e luxuosa. Conseqüentemente, o uso do linho e sobretudo da sêda — sinal visível de poderio econômico e de ascensão social — tornou-se cada vez mais comum. A lã passa a ser adotada sòmente para o inverno e transformou-se na vestimenta usual dos indivíduos menos afortunados, ou então usada quando a tradição e a religião a tornavam obrigatória.

Nada melhor para têrmos uma idéia da mudança da situação do que o exame paulatino dos autores clássicos que pudemos coligir (6). Verificamos neles, sistematicamente, o emprêgo dos seguintes vocábulos: *seres*, *sericos*, *serica*, *bombyce*, *bombyx*, *bombycina*, *sericatus* etc.

A primeira referência que encontramos foi em Horácio (7) na sua obra *Epodos* (VIII, 18-16) onde lemos:

Quid? quod libelli Stoici inter *sericos* (8)  
Iacere pulvillos amat? (9)

Essa frase mostra como a sêda tornara-se conhecida, que até objetos de uso comum, e não sòmente vestes, eram feitos dêsse tecido.

- 
- (6). — Aqui queremos agradecer a colaboração dos nossos colegas Armando Toniolli e Isac Nicolau Salum — do Curso de Letras Clássicas da nossa Faculdade — que verificaram a tradução dos nossos textos e aumentaram o número dêles.
- (7). — Q. *Horatius Flaccus*. Nasceu em Venúsia na Apúlia em 64 a. C. Era filho de um liberto que se fizera meirinho nas vendas em hasta pública e que fêz os maiores sacrifícios para que seu filho tivesse a melhor educação possível. Estudou letras em Roma e depois em Atenas. Tomou partido por Brutus na Guerra Civil após a morte de César e combateu em Filípes como tribuno. Fugiu após a derrota, acabando por voltar a Roma, sendo obrigado pela perda de seus bens a lutar para ganhar o seu sustento. Comprou um cargo de escriba, ou secretário do Tesouro, o que lhe dava tempo para entregar-se à poesia. Fêz-se notar por Varius e Virgílio que o apresentaram a Mecenas e em seguida a Augusto. Este restituiu-lhe os bens confiscados e o acumulou de honrarias. Passou o resto de sua vida no campo, na Sabínia, em Ustica, perto de Tibur. Morreu aos 57 anos, seis semanas após Mecenas.
- (8). — Todos os grifos nos textos citados e nas suas traduções são de nossa autoria.
- (9). — O que? porque os escritos estóicos gostam de pousar em almofadas de sêda?

Virgílio (10) também tem dois versos sôbre a sêda (*Geórgicas*, II, 120-121) que dizem o seguinte (11):

Sola India nigrum  
Fert hebenum (7), solis est tures virga Sabaeis (8).  
Quid tibi odorato referam sudatia ligno (9)  
Balsamaque et bacas (1) semper frondentis acathi?  
Quid nemora Aethiopum, molli canentia lana (2),  
Velleraque ut (3) foliis depectant tenvia Seres (4)?  
Aut quos Oceano (5) propior gerit India lucos,  
Extremi sinus (6) orbis, ubi aera vincere summum  
Aëboris haud ullae jactu potuere (7) sagittae?

Em Propércio (12) lemos em dois trechos (*Elegias*, I, xiv, 17-22 e II, iii, 9-16) o seguinte:

Illa potest magnas heroum infringere uires,  
illa etiam duris mentibus esse dolor;  
illa neque Arabium metuit transcendere limem  
nec timet ostrino, Tulle, subire toro  
et miserum toto iuuenem uersare cubili:  
quid releuant uariis serica textilibus? (13)  
.....

- (10). — *P. Virgilius Maro*, o príncipe dos poetas latinos. Nasceu em 70 ou 60 a. C. na aldeia de Andes, perto de Mântua, foi criado em Cremona, aperfeiçoou-se em Milão e Nápoles, e se preparou para a poesia por um estudo aprofundado das letras gregas. Começou pelas poesias bucólicas; tinha 25 anos quando compôs a 1ª Egloga (a 2ª das edições). O seu talento poético lhe valeu a proteção de Polião e de Mecenas: graças a seus protetores obteve que os bens de seu pai não fôsem envolvidos entre os que eram entregues aos veteranos das guerras dos triúmviros, após a batalha de Filipes, no território de Cremona e de Mântua (45 a. C.); Virgílio agradeceu a Otávio numa admirável alegoria (1ª Egloga das edições). Compôs as *Geórgicas*, poema didático em 4 cantos, empreendidas a pedido de Mecenas, onde descreve os trabalhos campestres. Depois compôs a *Eneida*, poema épico em 12 cantos onde cantava a origem dos romanos, pretensos descendentes do troiano Enéias. Essas obras lhe grangearam fama e honrarias. Morreu ao voltar da Grécia em Brindes aos 50 anos de idade (19 a. C.).
- (11). — Só a Índia produz o negro ébano, só os sabeus têm os ramos do incenso. Que hei de dizer-te dos bálsamos que suam do cepo perfumado e dos frutos do acanto sempre verde? Que dizer-te dos bosques da Etiópia, que alvejam de branda lã e como os seres retiram das fôlhas os delicados fios, ou que dizer dos bosques de que se cobre a Índia, vizinha do Oceano, e que é o recesso extremo do mundo?
- (12). — *S. Aurelius Propertius*. Nasceu, supõe-se, em Mevânia, na Úmbria, circa de 52 a. C. e morreu em 12 a. C. Era filho de um proscrito que perecera vítima das Guerras Civis. Estudou Direito em Roma, mas sempre preferiu a poesia. Depois de Tibulo é o maior dos poetas elegiacos latinos. Cheio de fogo, de vivacidade, mas abusa um pouco das suas metáforas. Sua obra principal intitula-se *Elegias*.
- (13). — É ela (Venus) que pode anular as grandes forças dos heróis, fazer que haja dor até nos corações insensíveis; ela que não receia transpor um limiar da Arábia nem teme entrar num leito de púrpura, ó Tulo, e agitar, na cama, um jovem infeliz: que alívio lhe traz a sêda com seus variegados tecidos?

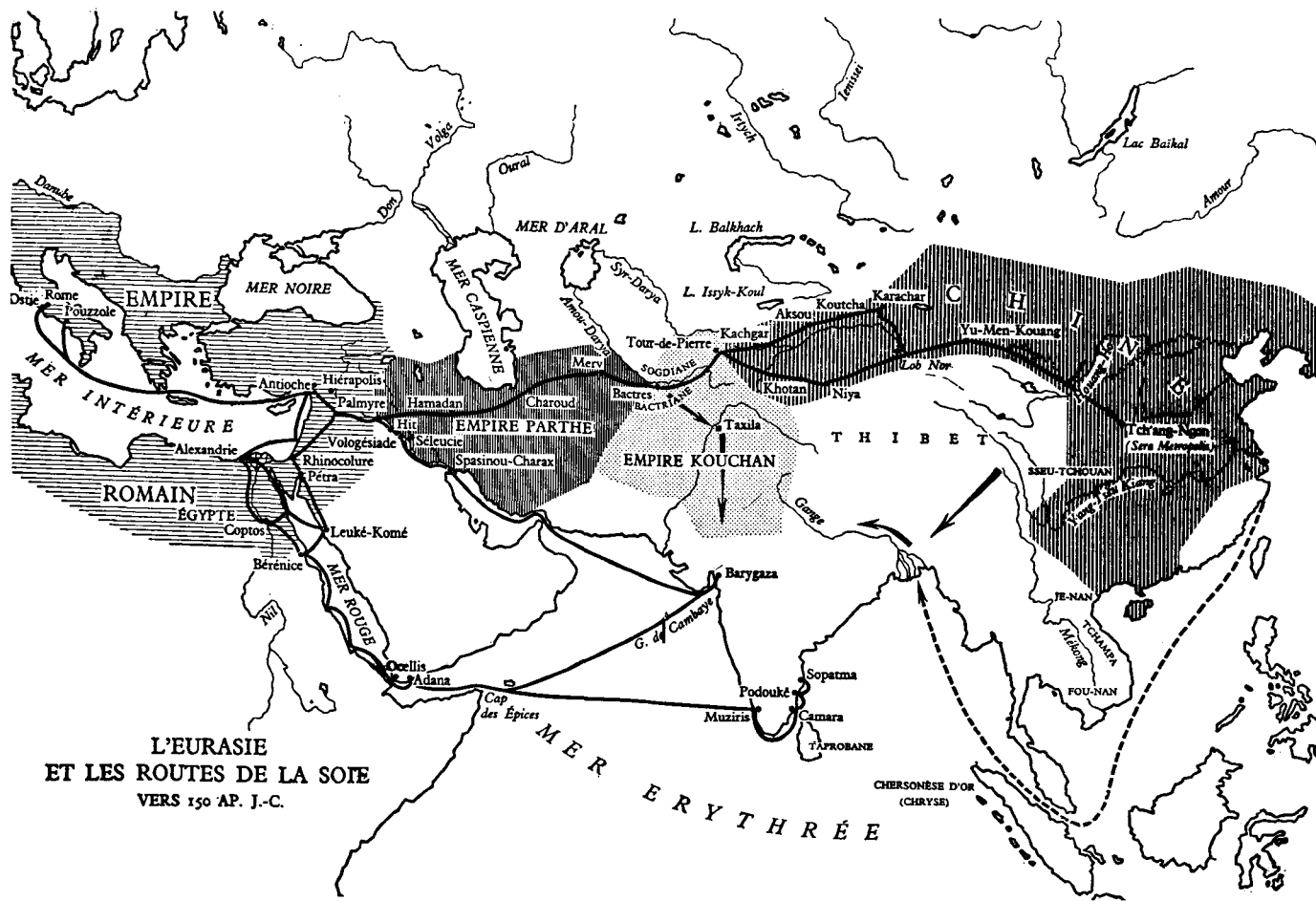
Nec me tam facies, quamuis sit candida, cepit,  
Lilia non domina sunt magis alba mea;  
Ut Maeotica nix minio si certet Hiberno,  
Utque rosae puro lacte natant folia;  
Nec de more comae per leuia colla fluentes,  
Non oculi, geminae, sidera nostra, faces;  
Nec si qua *Arabio* lucet *bombyce* puella,  
Non sum de nihilo blandus amator ego (14).

Verificamos, pois, dêses dois trechos que a sêda continua sendo objeto relativamente raro, pois é citada como uma coisa extraordinária. Mas há algo de nôvo. Fala-se em sêda da Arábia. Isso pode significar que a origem da sêda já era conhecida, sabe-se que ela é oriental e possivelmente introduzida no Mediterrâneo através do Mar Vermelho e do pôrto de Alexandria.

Lucano (15) na sua obra *Pharsalia* (I, 13-23 e X, 287-294) tem também duas passagens em que se refere ao povo produtor da sêda — os *seres*:

Heu quantum terrae potuit pelagique parari  
hoc quem ciuiles hauserunt sanguine dextrae,  
unde uenit Titan, et nox ubi sidera condit,  
quaque dies medius flagrantibus aestuat horis  
et qua bruma rigens ac nescia uere remitti  
adstringit Scythico glaciale frigore pontum!  
Sub iuga iam *Seres*, iam barbarus isset Araxes,  
et gens si qua iacet nascenti conscia Nilo.  
Tum, si tantus amor belli tibi, Roma, nefandi,  
totum sub Latias leges cum miseris orbem,  
in te verte manus; nondum tibi defuit hostis (16).

- .....
- (14). — E não foi tanto a sua beleza que me cativou, embora ela seja formosa, os lídios não são mais alvos que a minha amada — ela é como a neve meótica a disputar com o vermelhão da Hibernia, e como pétalas de rosa que nadam no leite puro —; nem foram seus cabelos com seu penteado na moda, caídos em ondas no seu delicado pescoço, nem seus olhos, gemas brilhantes, estrelas da minha vida; nem foi a *sêda da Arábia*, que faz resplandecente uma mulher, pois isso tudo não é nada para merecer o meu carinho e o meu amor.
- (15). — *M. Annaeus Lucanus*. Poeta latino. Nasceu em Córdoba em 39. Sobrinho de Sêneca. Nero inicialmente o acumulou de honrarias, mas logo, com ciumes de suas poesia, proibiu-lhe de versejar e mesmo de advogar no forum. Por vingança, Lucano tomou parte na conspiração de Pisão. Descoberto, negou sua participação. Condenado, teve o direito da escolha da maneira como queria morrer. Abriu as veias num banho quente falecendo em 65 com apenas 26 anos. Lucano nos deixou um célebre poema histórico *Pharsalia*, em 10 cantos, onde narra a guerra civil entre César e Pompeu e se detém na batalha de Munda. Trata-se de obra de grande beleza. Infelizmente o poeta não teve tempo de mostrar todo o seu talento.
- (16). — Ah! quantas terras e mares poderiam ter sido conquistados por êste sangue que as mãos de concidadãos derramaram: desde lá, donde vem Titã e até a noite encerra as estrelas, e tanto pelo sul que escala nas horas ardentes, como por onde o inverno enregela — e a primavera não sa-



A Eurária e as rotas da sêda. Apud, Boulnois, *op. cit.*, pp. 48-49.

Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História - ANPUH • Campinas, setembro 1969

Medio (Nile) consurgis ab axe:  
ausus in ardentem ripas adtollere Cancrum,  
in borean is rectus aquis mediumque Booten;  
cursus in ocasus flexu torquetur et ortus  
nunc Arabum populis, Libycis nunc aequus harenis,  
teque uident primi, quaerunt tamen hi quoque, *Seres*,  
Aethiopumque feris alieno gurgite campos,  
et te terrarum nescit cui debeat orbis (17).

O primeiro texto refere-se de forma indireta à Rota da Sêda (18), pois deixa entrever relações comerciais através das planícies do Mar Cáspio, palmilhadas pelos mercadores persas que iam se encontrar com os chineses na Torre da Pedra (vide mapa anexo).

Existe, entretanto, um lamentável engano de ordem geográfica no segundo texto. Lucano, sem dúvida baseado nos conhecimentos escassos da época sobre essas longínquas regiões asiáticas, mistura o Araxes com o Nilo, a Ásia com a África e coloca a pátria dos *seres* — os produtores da sêda — na região das nascentes do Nilo. Aliás, êsses conhecimentos geográficos eram muito vagos e durante muito tempo confundiu-se o Nilo com os rios que desaguavam no Atlântico africano, dizendo que era um outro braço ou então o próprio rio, apenas porque possuía também crocodilos (19).

Com Marcial (VIII, xxxiii, 13-16) (20) podemos ver que os romanos já tinham a certeza de que a sêda era produzida por um

---

be amenizá-lo — e gela o mar glacial com cítico frio! Já teriam sido subjugados os *seres* e o bárbaro Araxes e o povo — se existe algum — que conhece a nascente do Nilo. Então, Roma, se tão grande é o teu amor à guerra ímpia, quando tiveres submetido o mundo inteiro às leis latinas, volta contra ti tuas armas: até aqui não te faltou inimigo.

(17). — Surges (ó Nilo), crescendo, do Equador; ousando dirigir teu leito na direção do ardente Câncer, segues com tuas águas em linha reta para o Bóreas e para o centro dos Boetesé teu curso segue em curvas dando voltas para o Ocidente e para o Oriente, ora favorável aos povos da Arábia, ora às areias da Líbia; os primeiros a ver-te são os *seres* — êstes, contudo, também procuram tua nascente —; cortas as planícies da Etiópia com tuas águas que lhes são estranhas, e o universo não sabe a que terras te deve êle.

(18). — Cf. o nosso artigo *Alguns aspectos das relações do Ocidente com o Extremo Oriente durante a Antiguidade e a Idade Média*, in "Revista de História", n.º 43, 1960, págs. 3-14.

(19). — A êsse proposito consulte o nosso trabalho, *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*. São Paulo. Livraria Martins Editora, 1946. 295 págs. 14 mapas.

(20). — *M. Valerius Martialis*. Poeta latino, nasceu em Babilis na Espanha *circa* de 43 da nossa era. Veio a Roma com a idade de 23 anos e se fez notar pelo seu talento poético, obtendo pelos seus elogios as boas graças de Tito e sobretudo de Domiciano, e contou entre seus amigos Plínio-o-Jovem, Quintiliano e Juvenal. Após uma estadia de 35 anos em Roma, voltou para sua pátria e aí morreu *circa* de 103. Devemos a Marcial 15 livros de *Epigramas*; o primeiro, intitulado *Os espetáculos*, foi redigido para celebrar as festas magníficas dadas por Tito em 80 da nossa era. Encontra-se na sua obra muito espírito, finura e mordacidade, mas muitas vezes também uma licença excessiva e uma baixa adulação. Recolheu

verme (*bombyx*) que fabricava os fios que serviam para a tacitura do delicado tecido, fato que não encontramos nos autores anteriores:

Lenta minus gracili crescunt colocasia filo,  
plena magis nimio lilia sole candunt;  
nec vaga tam tenui discurrit aranea tela,  
tam leve nec *bombyx* pendulus urget opus (21).

Suetônio (22) (*circa* 70 d. C.) ao descrever os extravagantes trajes de Calígula (37-41) deixa entrever que a sêda era empregada de maneira usual, mas de preferência por mulheres (*De Vita Caesarum, Calígula, LII*):

Vestitu calciatuque et cetero habitu neque patrio neque ciuili, ac ne uirili quidem ac denique humano semper usus est. Saepe depictas gemmatasque indutus paenulas, manuleatus et armillatus in publicum processit, aliquando *sericatus* et cycladatus, ac modo in crepidis uel coturnis, modo in speculatoria caliga, nonnumquam socco muliebri (23).

Plínio-o-Naturalista — ou o Antigo (23-79) (24) é um excelente autor para o nosso trabalho. Preocupou-se com a natureza e

---

também nas suas obras muitos fatos e traços dos costumes da época. Sobre si próprio disse: *Sunt bona, sum quaedam mediocritia sunt mala plura.*

- (21). — Com filamentos menos delgados crescem as delicadas colocásias, mais espessas são as pétalas dos lírios que caem sob um sol ardente; nem tão tênue tece a aranha a sua tela, nem o bicho da sêda (*bombyx*), suspenso no ar, executa trabalho tão leve.
- (22). — C. *Suetonius Tranquillus*. Historiador latino, nasceu mais ou menos em 70 da nossa era; filho de um tribuno militar, parece ter sido advogado, depois tribuno de uma legião e tornou-se secretário (*magister epistolarum*) de Adriano; mas, tendo se conduzido de maneira inconveniente para com a imperatriz Sabina, foi afastado mais ou menos em 121. Presume-se que tenha dado lições de gramática e de retórica em Roma. Era amigo de Plínio-o-Jovem que lhe enviou muitas cartas. Escreveu sobre os jogos gregos, sobre os espetáculos, leis e costumes de Roma. Dêle nos resta somente as *Vidas dos Doze Césares* e pequenos excertos sobre alguns homens de letras, conhecidos pelo nome de gramáticos. A primeira dessas obras é célebre: contém numerosos pormenores preciosos e anedotas curiosas. Pode-se confiar em geral na veracidade do autor; somente algumas vezes não peca pela decência, que chega até à insensibilidade.
- (23). — Sempre usou roupas e calçado e o resto do traje que não eram dignos de um romano, nem de um cidadão, nem mesmo de um homem ou, numa palavra, de um ser humano. Muitas vezes apareceu em público com capas bordadas e cheias de pedras preciosas, uma túnica com mangas e braceletes; uma vez ou outra *vestido de sêda* e com traje feminino; ora calçava sandálias ou coturnos, ora botinhas de bater e, às vezes, borseguins de mulher.
- (24). — C. *Plinius Secundus*, nasceu em Como ou talvez em Verona no ano 23 de nossa era. Serviu inicialmente nas legiões, depois ingressou na advocacia, cultivando ao mesmo tempo as letras e só tardiamente entrou para a carreira pública. Foi nomeado em 68, com 45 anos de idade, procurador ou governador da Espanha, e em 74 prefeito da frota de Miseno. Foi ami-

descreveu o conhecimento da época sobre os *seres* na sua famosa obra *História Natural*. O Livro XII (do § 6 ao 106) ocupa-se com a descrição das árvores exóticas e o benefício que as mesmas prestam aos homens. É impressionante o rol que apresenta dessas plantas. Começa com a macieira da Assíria (limoeiro), a qual dá um lugar de honra em razão de suas virtudes medicinais (§§ 15-18). Passa, em seguida, em revista as árvores da Índia: o ébano (§§ 17-20), a espinha indiana (?) (§ 21), o *pala* (§ 24) (25), a pimenteira e o gengibre (§§ 26-29), a canela (§§ 30-31), o *macir* e a cana de açúcar (§§ 22) (26). Continuando, nos mostra a seguir as árvores do Irão, da Gedrósia e da Hircânia (§§ 33-34), da Bactriana, onde cresce o *bdellium* (§§ 35-36) (27); descreve as árvores da Pérsia e das ilhas do Golfo Pérsico, as mangronas, o algodoeiro, o *cynas*; as essências da Arábia, o *costus* e o nardo (§§ 41-46), o asareto (§ 47), o amono, o amomis e o cardamomo (§§ 48-50); o incenso e a mirra, produtos da Arábia Feliz (§§ 51-57); o mastique (§ 72); o ládano (§§ 73-76), o enhaemos (§ 77). Faz ainda uma curta digressão sobre os perfumes que os árabes traziam para o Mediterrâneo das regiões vizinhas. Fala também das plan-

---

go íntimo de Vespasiano e de Tito. Ávido de saber, utilizava todos os momentos disponíveis: no banho, na mesa, na liteira. Lia tudo que lhe caía nas mãos ou mandava tomar notas para uso posterior. Quando da erupção do Vesúvio, em 79, apressou-se em ver de perto o fenómeno. Aproximou-se demais e morreu asfixiado pelos vapores sulfurados que se desprendiam do vulcão. Escreveu uma *História de Roma* (continuação da obra de Aulícius Bassus), uma *História das guerras da Germânia*, o *Studiosus* (o amigo do estudo). Trata em 3 livros da maneira de formar o orador *Dubii sermones*. Todas essas obras estão desaparecidas; mas possuímos sua *História Natural*, em 37 livros. Não é uma *História Natural* como entenderíamos atualmente, é uma espécie de enciclopédia: o I livro dá um quadro geral; o II trata da astronomia, da meteorologia e da teoria de terra; os III, IV, V e VI, da geografia; os 5 seguintes da zoologia; os livros XII ao XXII da botânica e de um grande número de assuntos de agricultura e da indústria; os livros XXIII até o XXVII da matéria médica botânica; os livros XXVII ao XXX de matéria médica zoológica; os livros XXXIII ao XXXVII da mineralogia e acessoriamente da metalurgia, das moedas, da escultura, da pintura e da arte do cinzelador. Compreende-se como tal obra deve conter fatos preciosos que, sem ela, teriam ficado desconhecidos; mas apresenta grandes defeitos por ser uma compilação feita às pressas: o autor repete a mesma coisa várias vezes, se contradiz, não consultou as melhores fontes e muitas vezes não demonstra espírito crítico. O estilo é algumas vezes obscuro e incorreto, mas tem vigor e originalidade. Nas descrições da natureza é excelente. Sem dúvida Plínio é uma das melhores fontes para o historiador da Antiguidade.

- (25). — Seria a bananeira. Vide A. Ernout, *Pline l'Ancien. Histoire Naturelle, Livre XII*. Paris. Les Belles Lettres. 1949., pág. 73.
- (26). — *Ibidem*, pág. 77. *Macir*, de identificação difícil. Cana de açúcar, *saccharon*, vindo do sânscrito *çakkara*. Com Alexandre o açúcar de cana difundiu-se, mas apenas para fins medicinais.
- (27). — *Ibidem*, pág. 77 Trata-se de uma espécie de goma.

tas e perfumes da Etiópia Troglodita e dos produtos do Alto Nilo (28).

Fizemos essa longa enumeração de produtos exóticos para provar como o horizonte econômico dos romanos tinha se ampliado, de como êles, em contacto com os povos ribeirinhos do Mediterrâneo, no fim do I século da nossa era, já conheciam essas especiarias e também a sêda que chegava tanto por mar, via Alexandria, como por terra, através dos portos do Levante e do fundo do Mar Negro.

Encontramos no Livro XII da *História Natural*, as seguintes passagens em que os *seres*, produtores da sêda, são mencionados:

I, § 2. — Diu fuere occulta eius beneficia, summumque munus homini datum arbores siluaeque intellegebantur. Hinc primum alimenta, harum fronde mollior specus, libro uestis. Etiam nunc gentes sic degunt. Quo magis ac magis admirari subit his a principiis caedi montes in marmora, uestes ad *Seras* peti, unionem in Rubri maris profunda, zmaragdum in ima tellure quaeri. Ad hoc excogitata sunt aurium uulnera, nimirum quoniam parum erat collo, crinibus, manibus gestari, nisi infoderentur etiam corpori (29).

VIII (4) § 17. — Lanigeras *Serum* in mentione gentis eius narrauimus, item Indiae arborum magnitudinem. Vnam e peculiaribus Indiae Vergilius celebravit hebenum, nusquam alibi nasci professus (30).

XXI (10) § 38. — Tylos insula in eodem sinu est, repleta siluis qua spectat orientem quaque et ipsa aestu maris perfunditur. Magnitudo singulis arboribus fici, flos suauitate inenarrabili, pomum lupino simile, propter asperitatem intactum omnibus animalibus. Eiusdem insulae excelsiore suggestu lanigerae arbores, alio modo quam *Serum*. His folia infecunda, quae ni minora essent, uitium poterant uideri. Ferunt mali cotonei amplitudine cucurbitas, quae maturitate ruptae ostendunt lanuginis pilas, ex quibus uestes pretioso linte

(28). — *Ibidem*, págs. 7 e 8.

(29). — Durante muito tempo os dons que a terra oculta permaneceram ignorados, e as árvores e as florestas eram tidas como o supremo presente que ela fez ao homem. É a árvore que lhe fornece os seus primeiros alimentos, foi sua folhagem que tornou a caverna mais agradável, foi de sua casca que êle se vestiu. Ainda agora povos levam essa vida. Da mesma maneira o espanto aumenta ao pensar que, partindo de tais origens, o homem chegou a talhar as montanhas pelo seu mármore, buscar tecidos na região dos *seres*, procurar a pérola nos abismos do Mar Vermelho, a esmeralda nas profundezas da terra. Imaginou ser mesmo necessário furar as orelhas, julgando sem dúvida insuficiente essas pedras no pescoço, nos cabelos, nas mãos, sem as incrustar também no corpo.

(30). — A propósito da região dos *seres*, falamos de suas árvores de lá, da mesma maneira a propósito da Índia, do tamanho de suas árvores. Daquelas que são próprias dessa região, Virgílio só mencionou a árvore do ébano, dizendo que ela não cresce em nenhuma outra parte.

faciunt (11). Arborem uocant gossypinum, fertiliore etiam Tylo minore, quae distat X p. (31).

.....  
XLI (18) § 84. — Verum Arabiae etiamnum felicius mare est: ex illo namque margaritas mittit, minimaquae computatione milies centena milia sestertium annis omnibus India et Seres et paeninsula illa imperio nostro adiungunt: tanti nobis deliciae et feminae constant. Quota enim portio ex illis ad deos, quae, iam uel ad inferos pertinet? (32).

Dêsses quatro trechos queremos destacar o seguinte: o horizonte geográfico romano parece ter atingido o Gôlfo Pérsico, mas não vai além. Outro ponto curioso é êste da árvore que produzovelos de lã, diferentes daqueles do país dos *seres* que produziriam um outro tecido, sem dúvida a sêda. Isso demonstra de forma cabal que os romanos não tinham conhecimento de como se produzia o fio de sêda, pelo menos nas fontes que foram consultadas por Plínio-o-Antigo.

Até aqui examinamos textos referentes ao Alto-Império Romano. Com a crise do III século, que teve aspectos econômicos, políticos e sociais, o Império começa a enfraquecer-se, procurando desesperadamente manter o *status quo* de suas fronteiras, absorvendo, às vêzes a contragôsto, grandes grupos de bárbaros que cobriam a sua deficiência demográfica e econômica, em que se vinha debatendo. Um outro fator que não deve ser desprezado é a difusão do Cristianismo que procurava então combater o luxo e tornar os costumes mais simples.

\* \*  
\*

---

(31). — A ilha de Tylos — atualmente Bahrein — situada no mesmo gôlfo, é coberta de florestas na sua parte voltada para o Oriente, e onde ela também é atingida pela maré. As árvores aí tem cada uma o tamanho da figueira; a flor tem uma suavidade indizível; o fruto, semelhante ao tremoço, é refugado por todos os animais pelo seu amargor. Na parte superior dessa mesma ilha estão as árvores de lã, mas diferentes daquelas do país dos *seres*. Entre êles, as fôlhas não dão nada, e não fôsse seu pequeno tamanho, poderiam se confundir com as da vinha. Elas produzem cabaças do tamanho de um marmelo, que se abrindo quando maduras, liberam novelos lanosos, com os quais se fazem vestimentas de um tecido precioso (11). Essa árvore é chamada *gossypinum*; é mais abundante ainda na pequena Tylos, que está 10.000 passos da grande.

(32). — Mais o que a Arábia tem de mais feliz ainda, é seu mar, do qual ela tira as pérolas que exporta, e, segundo a mais baixa avaliação, é cem milhões de sestércios que as índias, os *seres* e essa península, subtraem do nosso Império: tanto nos custam caro o luxo e as mulheres! Qual a parte, com efeito, dêsse dinheiro, eu vos pergunto, cabe agora aos deuses, mesmo os do inferno?

Com o Baixo-Império destacamos como escritor representativo desse novo estado de coisas Tertuliano (160-245) (33). Na sua obra *De Pallio* (3, 6) refere-se êle ao bicho da sêda mostrando ter exato conhecimento de como êle produzia o fio:

Nec fuit satis tunicam pangere et serere, ni etiam piscari vestitum contigisset; nam et de mari vellera, quae muscosae lanositatis p(rae)lautiores conchae comant. Prorsus haud latet *bombycem* — vermiculi genus est —, quae per aeren (a)liquando araneorum horoscopis idonius distendit, dehinc devorat, mox albo reddere; proinde, si necaveris, animata jam stamin(a) evolves (34).

Já Claudino (365-408?) (35), na sua obra *In Eutropium* (Liber II, vv. 335-341), referindo-se a um romano do período decadente, que dava um valor descomunal ao luxo, assim se expressa:

Vestis odoratae studium, laus maxime risum  
Per vanos movisse sales, minimeque viriles  
Munditiae, compti vultus, onerique vel ipsa  
*Serica*: si Chunus feriat, si Sarmata portas,  
Solliciti scenae, Roman contemnere sueti,

- 
- (33). — *T. Septimius Florens Tertullianus*. Doutor da Igreja. Nasceu circa de 160 em Cartago, morreu em 245. Foi inicialmente pagão. Converteu-se vendo a paciência heróica dos mártires. Defendeu a sua nova fé com uma eloquência admirável na sua *Apologética*, e deu o exemplo de todas as virtudes. Fêz mais ou menos em 204 uma viagem a Roma: a visão dos jogos de circo oferecidos ao povo por Septímio Severo lhe inspirou seu tratado *Contra os espetáculos*; mas desagradou o clero dessa cidade pelo seu rigorismo excessivo. De volta à África, abraçou a heresia montanista, e só a deixou para fundar uma nova seita. Desafiando a censura da Igreja, cingiu o *pallium*, ou o manto dos filósofos. O estilo de Tertuliano é muitas vezes duro, bárbaro, herissado de aloquções africanas, mas é cheio de fogo e energia. Temos dêle ainda numerosos escritos: *Contra os judeus*. *Proscrições contra os heréticos*, *Da Alma*, *Cinco Livros contra Marcião*. Ainda que publicados após a sua queda são obras que nos mostram ao vivo a teologia antiga.
- (34). — E não foi suficiente plantar e tecer a túnica, mas até sucedeu que se pescasse a veste; pois existe também lá do mar de que se cobrem as conchas muito ricas de musgos de natureza lanosa. E, certamente, não escapa o bicho-da-sêda — é uma espécie de vermezinho — que às vezes estende no ar, mais hábilmente que as teias de aranha, aquilo que depois devora para logo devolver; por isso, se o matares, logo desenrolarás fios brilhantes.
- (35). — *Claudius Claudianus*. Poeta latino, nasceu mais ou menos em 365, em Alexandria do Egito; veio para a Itália e ligou-se a Estilício, primeiro ministro de Honório e caiu em desgraça com êle (408). Gozou junto dos seus contemporâneos de tal reputação que lhe erigiram uma estátua no *Forum* de Trajano, com uma inscrição em que era igualado a Horácio e Virgílio. O que sobrou de suas obras não justifica êsse entusiasmo. Tem uma versificação harmoniosa, fácil, mas monótona. Suas poesias referem-se quase sempre aos acontecimentos da sua época: *Elogios de Estilício*, *Invectivas contra Rufino e Eutrópio*, o *Consulado de Honório*. Temos dêle também um poema épico: o *Rapto de Proserpina*, que é aliás a melhor de suas obras.

Mirarique suas (quas Bosporus obruat!) aedes;  
Saltandi dociles, aurigarumque periti (36).

Prudêncio (37) também cita a sêda na sua obra *Peristephanon* (*Hymn.* 10, 511-515), diz:

Aurum regestum nonne carni adquiritur?  
inlusa uestis, gemma, bombyx, purpura  
in carnis usum mille quaeruntur dolis,  
luxus uorandi carnis auinam fouet,  
carnis uoluptas omne per nefas ruit (38).

Sêrvio (39) também faz alusão a *bombyces*, que é evidentemente o bicho da sêda. Entretanto, Boulnois (40) cita a existência de tecidos da Assíria e de Cós que seriam de origem vegetal. Parece que realmente existiram êsses tecidos (*byssus*, *byssina*, etc.), mas como a demanda cresceu, sòmente com os panos importados da longínqua região dos *seres*, o luxo sempre crescente dos cidadãos romanos pôde ser satisfeito. A êsse propósito parece que foi sòmente com Pausânias (41) que o Ocidente teve a certeza de que a sêda era produto animal e não vegetal.

- (36). — Gostam de roupas perfumadas, vangloriam-se de provocar o riso com gracejos fúteis; seus adornos nada têm de masculino, seus cabelos são muito bem penteados e até a sêda lhes parece pesada. Se um huno ou um sármata lhes bate à porta, põem todo seu interesse no teatro; estão habituados a desprezar Roma e a admirar seus próprios palácios (que o Bósforo os engula!). São bons dançarinos e hábeis condutores de carros.
- (37). — *Aurelius Prudentius Clemens*. Poeta latino cristão. Nasceu em 348 em Calahorra, na Tarraconense; foi sucessivamente advogado, juiz, soldado, governador de algumas cidades, empregado na corte de Honório, depois desgraçado por êsse príncipe. Passou o fim de sua vida na solidão, cultivando as letras e fazendo exercícios de piedade. Deve-se a êle, além de alguns escritos contra os heréticos, uma coleção de cânticos, hinos e outras poesias. Prudêncio foi proclamado como o *Príncipe dos poetas cristãos*. De fato, em suas obras encontra-se imaginação e espírito, mas o seu estilo já é muitas vêzes incorreto.
- (38). — Não se adquire o ouro acumulado para satisfação da carne? Os bordados do vestido, a pedra preciosa, a sêda, a púrpura, são cousas que se buscam, por mil ardis, para vaidade da carne; o hábito de comer carne em excesso favorece a gordura; o prazer da carne leva à ruína por toda a sorte de impiedades.
- (39). — *Servius Maurus Honoratus*. Gramático do V século. É conhecido sobretudo por um *Comentário sobre Virgílio*. Deixou obras de gramática, entre outras — *Ars de centum metris*.
- (40). — Boulnois, *op. cit.*, págs. 46-47.
- (41). — Escritor grego do II século da nossa era, nascido na Frígia ou na Capadócia, visitou um grande número de regiões do mundo então conhecido. Veio cerca de 170 fixar-se em Roma, onde morreu muito velho. Compôs versos no ano 174 sob o título de *Itinerário da Grécia*, uma das mais preciosas obras da Antigüidade para a topografia, a história da Grécia e o conhecimento dos objetos de arte e dos monumentos. Essa obra compõe-se de 10 livros que, segundo os países descritos, são intitulados: *Áticas, Corínticas, Laçônicas, Messênicas, Eóicas* (2 livros) *Acáticas, Ar-*

Sérvio diz o seguinte (*Ad. Verg., Georg., II, 121*):

Velleraque vt follis D.(epectant) T.(enuia) S.(eres?) (42).

.....  
Apud Aethiopiam, Indos et *Seras* sunt quidam in arboribus vermes et *bombyces* appellantur, qui in araneorum morem tenuissima fila deducunt, unde est *sericum*: nam lana arboream non possumus accipere, quae ubique procreatur (43).

Essa “lã das árvores” seria, pois, o produto de que se fabricavam tecidos antes da difusão da sêda — de origem animal — que se propagou no Ocidente a partir do fim do I século da nossa era.

Existe também um texto extremamente interessante do fim do IV século e de autor desconhecido, o *Expositio Totius Mundi et Gentium* (44) em que se vê o conhecimento que os romanos tinham da região da Índia e seus vizinhos, produtores da sêda:

XV. — Deinde est India maior, a qua (*sericum*) et omnia necessaria exire dicuntur. Similiter proximis uiuentese bene transigunt. Et habitant terram magnam et bonam mansionum durentarum decem.

Com a barbarização oriunda da queda do Império Romano do Ocidente, o uso da sêda — que era obtida nessa época ainda com o comércio oriental — vai se tornando cada vez mais raro e disso temos provas, como veremos mais adiante.

\* \*  
\*

Como exemplo da maneira pela qual no Ocidente copiava-se os autores do período anterior, vamos transcrever alguns trechos de um dos mais expressivos escritores da época em que o Império Romano fragmentou-se em diversos Estados: São Isidoro de Sevilha (45). Em

---

*cádicas, Beólicas e Focídicas*. Lamenta-se que o autor tenha procurado imitar sem o saber, o estilo de Tucídides.

- (42) . — Ou como os *seres* retiram das folhas a delicada lã?  
(43) . — Na Etiópia e entre os hindus e *seres* há, nas árvores, certos vermes também chamados *bombyces* que, à maneira das aranhas, produzem uns fios muito finos de que é feita a sêda: pois não podemos interpretar como “lã das árvores” que é produzido por toda a parte.  
(44) . — *Expositio Totius Mundi et Gentium*. Introdução, texto crítico, tradução, notas e comentários de Jean Rougé. Les Éditions du Cerf. Paris. 1966. O trecho em questão encontra-se nas páginas 150-153 e a sua tradução é a seguinte: “Há, em seguida, a Índia Maior; e daí, dizem, que provém (a sêda) e todas as cousas necessárias. Seus habitantes vivem da mesma maneira que seus vizinhos e eles vivem muito bem. Habitam uma região grande e boa, de uma extensão de cento e dez jornadas de marcha.”  
(45) . — *São Isidoro de Sevilha*. Filho de um governador de Cartagena (Espanha), sagrado bispo de Sevilha em 601, morreu em 636. Distinguiu-se igualmente pela sua erudição e sua piedade. Deixou, entre outras obras, 20

oposição ao autor ocidental vamos apresentar, em seguida, um outro monge, mas desta vez oriental, Cosmas Indicopleustes (46) que é completamente diferente do primeiro, descrevendo as rotas de comércio com o Oriente.

---

livros de *Origens* ou *Etimologias*, verdadeira enciclopédia das ciências do seu tempo; *Comentários sobre o Antigo Testamento*; um *Tratado dos escritores eclesiásticos*; uma *Crônica desde Adão até 626* seguida de uma *Crônica* especial dos Gódos, que vai de 260 a 628.

- (46) . — Transcrevemos a seguir a tradução literal feita pela Professora Isis Lana Borges do artigo de Samuel Davidson sobre Cosmas Indicopleustes, estampado no *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. Editor William Smith. London and Makerly Uppes Gower Street and Ivy Lane, Paternoster Row. John Murray, Abermále Street. MDCCCLXI, págs. 864-865:

“*Cosmas Indicopleustes* ( *Indicopleustes* — navegador indú).

“Monge egípcio, que floresceu no reinado de Justiniano, cerca de 535 d. C. No início da sua vida seguiu a profissão de mercador e se entregou de corpo e alma ao tráfico. Viajou pelo Mar Vermelho, entrou na Índia, visitou vários povos da Etiópia, Síria, Arábia, Pérsia e quase todos os lugares do Oriente. Levado, ao que parece, mais pela curiosidade do que pelo desejo de ganho, ansioso por conhecer os hábitos e costumes de diferentes povos distantes, mercadejou no meio de perigos suficientes para espantar os mais aventureiros. Há razão abundante para crer que êle foi um observador atento de tudo o que seu olhar encontrou e que êle cuidadosamente registrou das suas observações sobre as cenas e objetos que apresentavam. Mas a vida migratória se tornou cansativa. Depois de gastar muitos anos nessa vida, disse adeus às ocupações do mundo, fixou residência num mosteiro e dedicou-se a uma vida contemplativa. Possuidor de conhecimento muito variado, adquirido em muitas terras, e sem dúvida culto segundo o padrão da sua época, começou a reunir sua informação em livros. Sua obra mais importante é a sua *Topografia Cristã* (*Topographia Christiana sive Christianorum Opinio de Mundo*), em doze livros. O último livro, como saiu publicado até hoje, é imperfeito no fim. O objeto do trabalho é mostrar, em oposição à opinião universal dos astrônomos, que a terra é esférica, mas uma superfície plana. Os argumentos aduzidos em prova de tal posição são tirados da Escritura, da razão, do testemunho e da autoridade dos Padres. Instrumentos de toda espécie são empregados contra a teoria vigente, e a terra é afirmada ser um vasto plano oblongo, com o comprimento de Leste a Oeste mais que duas vezes a sua largura, toda ela cercada pelo Oceano. O único valor da obra consiste na informação geográfica e histórica que ela contém. Seu autor descreve em geral com grande argúcia a situação dos países, os costumes do seu povo, seus costumes comerciais, sua natureza e as propriedades das suas plantas e dos seus animais, e muitas outras particularidades que servem para lançar luz nas Escrituras. Suas ilustrações, estão longe de ser metódicamente ordenadas, tratam dos assuntos mais diversos. Fala, por exemplo, da localidade onde os israelistas passaram pelo Mar Vermelho, de suas vestes no deserto, do paraíso terrestre, da *Epistola aos Hebreus*, do nascimento do Senhor, do rito do batismo, das epístolas católicas, dos hieróglifos egípcios, do estado dos cristãos na Índia, dos seus bispos, sacerdotes, etc. Mas o trecho mais curioso e interessante de informação antiga refere-se àquêle monumento da Antigüidade que foi colocado à entrada da cidade de Adulite, consistindo numa sede real de mármore branco consagrado a Marte, com as imagens de Hércules e Mercúrio nelas esculpidas. De todos os lados do monumento grego foram escritas letras e foi acrescentada uma grande inscrição, segundo se supõe, por

Diz o monge ocidental (*Etymologiarum, Liber XII, 5, 8*):

8. — *Bombyx frondium* vermís, ex cuius *bombycinum* conficitur. Apellatus autem hoc nomine ab eo quod evacuetur dum fila generat, et aer solus in eo remaneat (47).

13. — *Bombycina* e *bombyce* vermiculo qui longissima ex se fila generat, quorum textura *bombycinum* dicitur; conficiturque in insula Cos. Apocalama.

Ptolomeu II Evergetes (247-222 a. C.). Esta foi copiada por Cosmas e dada com notas no livro II da *Topographia*. Parece, contudo, das pesquisas de Salt, que Cosmas fez uma só inscrição de duas e que, enquanto a primeira parte se refere a Ptolomeu Evergetes, a segunda trata de algum rei etíope cujas vitórias são celebradas na inscrição. O autor insere na obra como ilustração das suas idéias, figuras astronômicas e quadros. Ai encontramos também diversas passagens de escritos dos Padres, agora perdidos, e fragmentos de cartas, especialmente de Atanásio.

Fócio (cod. 36) recenseou essa produção sem mencionar o nome do escritor, certamente porque não estava no exemplar que ele tinha em mãos. Fala dele em obras sob os títulos de *Livro de um Cristão (Christianorum Liber) Exposição do Octatêuco (Expositio in Octateuchum)*; o primeiro, como contendo a opinião dos críticos sobre a terra; o último, porque a primeira parte da obra trata do tabernáculo de Moisés e de outras cousas descritas no Pentatêuco. O mesmo escritor afirma que muitas das narrativas de Cosmas são fabulosas. O monge, contudo, relata os acontecimentos como eles eram comumente recebidos e vistos em seu tempo. Sua linguagem é clara e familiar. Tão longe está de buscar elegância e elevação que ela é mesmo abaixo do medíocre. Ele não visava a fraseologia pomposa e polida e em diversos lugares ele modestamente reconhece que seus modos de expressão são familiares e desleiantes.

Os manuscritos variam muito no conteúdo da obra. Esta foi composta em momentos diversos. A princípio ela consistia de cinco livros; mas, em consequência de vários ataques, o autor acrescentou os outros sete em diferentes períodos, aumentando, corrigindo, e cortando, com o fim de enfrentar os argumentos daqueles que ainda afirmavam que a terra era esférica. Isso explica as formas mais longas e mais curtas da produção em diferentes cópias dos manuscritos. Todo o tratado foi publicado pela primeira vez por Bernardo de Montfaucon, de um dos manuscritos do século X, em grego e em latim, na sua *Collectio Nova Patrum et Scriptorum Graecorum*, fol. Paris, 1706, vol. II, págs. 113-346, a qual editor fez preceder de um prefácio valioso e erudito. Esta é a melhor edição. Foi também impressa na *Bibliotheca Vett. Patrum* editada por Gallandi, Ven. 1765, vol. IX.

Ficamos sabendo através do próprio Cosmas que ele compôs uma *Cosmografia Universal*, bem como *Táboas Astronômicas*, nas quais eram descritos os movimentos das estrelas. Ele foi igualmente autor de um Comentário sobre os Cânticos (dos Cânticos) e de uma exposição dos Salmos. Estes estão agora perdidos. Leo Allatius pensa que ele escreveu o *Chronicon Alexandrinum*; mas é mais correto afirmar, com Cave, que o autor do *Chronicon* bebeu largamente em Cosmas, copiando sem escrúpulos, e nas mesmas palavras, muitas das suas observações (Montfaucon, *Nova Collectio Patr. et Script. Graecor.*, vol. II, Cave, *História Literária*, vol. I, págs. 515-516, Oxford, 1740; Fabric. *Bibl. Graec.*, vol. IV, pág. 231).

(47). — 8. — *Bombyz* (bicho da seda) é um verme, das folhagens, de cujo tecido se faz a *sêda*. É chamado com este nome porque ele vai se esvasiando à medida que vai produzindo o fio até que, no seu interior, fique apenas ar.

14. — *Serica* a *Serico* dicta, uel quod eam *Seres* primi miserunt. *Holoserica* tota *serica*; enim totum. *Tramoserica* stamine lineo, trama ex serico. Holo(por) phyra tota ex purpura; enim totum (*Etymologiarum*, Liber XIX, 22, 13-14) (48).

6. — Dinoscuntur et gentes ita habitu sicut et lingua discordes. Persae brachia et crura lin(e)amentis, caput tiara tegunt; eminent apicibus fastigiatis Alani; horrent et male tecti cum latratoribus linguis Scotti; sagati sunt Alamanni, linteati Indi, gemmati Persae, *sericati Seres*, pharetrati Armenii (*Etymologiarum*, Liber XIX, 23, 6) (49).

5. — *Sericum* dictum quia id *Seres* primimiserunt: vermiculi enim ibi nasci perhibentur, a quibus haec circum arbores fila ducuntur: vermes autem ipsi Graece *bombyces* nominantur. *Placium* est stuppa et quasi crassedo *serici*, et est Graecum nomen (*Etymologiarum*, Liber XIX, 27, 5) (50).

Isidoro de Sevilha, mostra nesses trechos reproduzidos, ter assimilado o que era de conhecimento corrente nos autores clássicos, dos quais, infelizmente, muitos nos são apenas conhecidos pelos nomes. Sua obra é uma espécie de enciclopédia do conhecimento de então. Descreve muito bem a fabricação do fio de sêda. Distingue dêste o *bombycinum* da ilha de Cós, que era de origem vegetal, como já dissemos. Mostra também os diversos tecidos em que os fios de sêda entravam como matéria-prima misturados com outras fibras, de origem vegetal.

Descreve Isidoro de Sevilha os diversos povos do seu tempo, dando como característica as vestimentas. Possivelmente nunca teria visto pessoalmente alguns dêsses povos citados. Trata-se de flagrante obra de compilação.

---

(48) . — 13. — *Bombycina*, de bômbice, bicho da sêda que produz fios muitos longos, cujo tecido é chamado *bombycinum*: fabrica-se na ilha de Cós. Apocalama. 14. *Serica*, assim chamada de *serico* (de sêda) porque foram os *seres* os primeiros que enviaram êsse tecido. É *holoserica* quando o todo é de sêda, pois *hólon* significa todo. *Tramoserica*, quando, na urdidura, a sêda é misturada a fios de linho. *Holopórfira*, quando é toda côr de purpura, visto que *hólon* quer dizer todo.

(49) . — 6. — Distinguem-se as diferentes nações não apenas pela língua, mas também pelas vestes. Os persas cobrem os braços e pernas com tiras de linho (ou panos riscados?) e a cabeça com tiara; destacam-se os alanos por seus altos penachos; e os escotos, mal cobertos, estremecem com seus gritos; os alamanos vestem o sago, os indus o linho, os persas cobrem-se de pedras preciosas, os *seres* vestem-se de sêda, os armênios conduzem a aljava.

(50) . — *Sericum* (sêda) é assim chamada porque foram os *seres* os primeiros que a exportaram; e, de fato, aí se criam pequenos vermes que tecem êstes fios nas árvores: e êsses vermes, em grego são chamados *bombyces*. *Placium* é uma estopa, uma espécie de sêda grossa, e é nome grego.

Faz referência, e isso é muito interessante, ao fato de serem os *seres* os primeiros exportadores da sêda. Quanto à sêda grossa, *placium*, aparece pela primeira vez nas nossas fichas.

Completamente diferente é o relato de Cosmas Indicopleustes (que viveu *circa* de 353 da nossa éra). Era um mercador que percorreu as rotas marítimas que levavam do Mar Vermelho às costas de Co-ramandel e depois ao Ceilão e à região da canela e das especiarias.

Diz o seguinte a propósito do paraíso terrestre, por êle localizado na Índia (*Topographia Christiana*, livro I, § 138).

Sane vero si paradus in hac terra esset, multi homines discendi ac curiose investigandi percupidi, eo usque peragraré tentassent. Nam si ad *sericum* advehendum nonnulli ad extrema terrae, miserae negotiationis causa, permeare non dubitant, cur non ad paradusum spectandum iter suscepissent? Haec porro *serici* regio in extrema interiore India sita est, ad laevam ingredientium mare Indicum, longe ulterius Persicum sinum, et insulam vocatam ab Indis Sieledivam, a Graecis vero Taprobanam: vocaturque *Sina*, quam a laeva Oceanus ambiť quemadmodum et Barbariam a dextera. Aiuntque Indi philosophi Brachmanes, ut vocant, si a *Sina* funiculum tendas, qui per Persidem transiens usque ad Romanam ditionem pertigat, terrae medium adamussim (138) describi: et fortasse veredicunt. Nam multum illa ad sinistram deflectit; ita ut modico tempore inde *serici* vectura per alias gentes peragrandó in Persidem, perficiatur, si terrestris via ineatur; sin mari eo concedatur, amplioribus longe spatiis distat a Perside. Quantum enim spatii obtinet sinus Persicus qui in Persidem intrat, tantumdem imo plus spatii conficit qui a Taprobana ad laevam iter instituit usque ad Sinam, cum multa item alia spatia sint emetienda ab exteriori Persici sinus exordio, usque ad Taprobanam, universum scilicet mare Indicum et ultra Qui igitur pedestri via a Perside ad *Sinam* concedit, longissimo spatio viam minuit: unde est quod in Perside magna semper *serici* copia reperitur: ultra Sinam vero neque navigatur, neque habitatur (51).

- (51). — Sem dúvida, se o paraíso fôsse nesta terra, dos homens que desejavam apreender e observar cuidadosamente muitas cousas, muitos não hesitariam em chegar até lá. Com efeito, se por causa da sêda alguns não hesitam em ir aos confins da terra, por um miserável comércio, como hesitariam em viajar para contemplar êsse paraíso? Essa região da sêda fica na parte inferior da Índia, à esquerda dos que entram no Oceano Índico, muito além do Golfo Pérsico e da ilha chamada entre os indus Sielediva e entre os gregos Taprobana; é chamada China, cercada por sua vez à esquerda pelo Oceano, assim como a Barbária é por êle cercada à direita. E dizem os filósofos indus chamados brámanes que, se se estender da China uma corda que passe pela Pérsia e vá até o Império Romano, se terá exatamente o meio da terra, e talvez digam a verdade. De fato, ela está muito à esquerda, de modo que haverá em pouco tempo carregamento de sêda de lá, passando sucessivamente por vários povos até a Pérsia, por terra; mas por via marítima a mui grande distância da Pérsia. Com efeito, qual é a distância do Golfo Pérsico que entra na Pérsia, tal é — e até maior — a caminhada daquele que sai de Taprobana e entra pela esquerda na própria China por ter sua vez todo o Oceano Índico, e além, grandes distâncias desde o início da parte externa do Golfo Pérsico até Taprobana. Corta, pois, muito caminho o que

A propósito de Ceilão, região de especiarias, diz Cosmas Indicopleustes (*Topographia Christiana*, livro XI, 336-337):

*De Taprobana Insula.*

Haec magna est Oceani, in mari Indico sita: quae ab Indis Sielediva; a Graecis Taprobana vocatur, ubi lapis hyacinthus reperitur: jacetque ultra piperis regionem. Exiguas vero alias insulas circum positas habet ingenti numero: quarum singulae aqua dulci fruuntur, argelliis item instructae, ac alia aliam proxime sitae. Illa porro (337) magna insula, ut narrant incolae, est longitudine trecentorum quadiorum; latitudine totidem, nempe milliarum nongentorum. Duo reges in insula dominantur, mutuo infesti: quorum alius hyacinthi regionem, alius reliquam insulae partem obtinet, in qua emporium et portus habetur, a finitimis quoque maxime frequentatur. Exstat etiam ea in insula Ecclesia Christi advenarum ex Perside, ac presbyter in Perside ordinatus coque missus, diaconus item cum reliquo ecclesiastico ministerio. Indigenae vero et una reges alieni cultus sunt. Multa in hac insula templa visuntur; in aliquo autem ipsorum delubro hyacinthus, ut aiunt, edito in loco positus, rutilus ac praegrandis suspicitur, ad strobili spissitudinem accedens, qui, sole maxime illustrante, procul admodum efulget, inaeestimabile sane spectaculum. Ex universa porro India, Perside et Aethiopia, multam navium frequentiam excipit insula, utport quae in medio omnium posita sit; multasque similiter ultro citroque mittit (52).

No Ocidente a sêda só vai expandir-se depois das Cruzadas, quando as cidades italianas restabeleceram o tráfego com Bizâncio. No Império Romano do Oriente a sêda tornou-se monopólio do Estado, no reinado de Justiniano (527-565), principalmente depois que

---

vai à Pérsia pelo caminho da China; por isso também grande quantidade de sêda encontra-se sempre na Pérsia. Para além da China nem se navega, nem se vive (Migne, *PL* 88, cols. 96-98).

- (52). — *Da Ilha Taprobana.* Essa é a grande ilha do Oceano situada no Mar Indico, chamada entre os indus Sielediva e entre os gregos Taprobana; nela se encontra a pedra jacinto; fica além da região da pimenta. Em torno dela, há muitíssimas ilhotas, tôdas providas de água doce de "argellia". Tôdas elas, na sua maioria, são próximas umas das outras. A grande ilha tem, como dizem os seus habitantes, trezentos "gaudios" de comprimento e igual largura, isto é, novecentas milhas. Há dois reis na ilha, inimigos um do outro; um tem o jacinto e o outro, a outra parte, na qual está o mercado dos de lá. A mesma ilha tem também uma igreja dos cristãos que vêm da Pérsia, e um padre e um diácono ordenados vindos da Pérsia, e todo o serviço eclesiástico. Os habitantes e os reis são pagãos. Têm êles muitos templos nessa ilha; num dêles, situado no alto, há um jacinto, como dizem êles, rutilante e grande, grande como uma espinha: brilha de longe, sobretudo quando nele batem os raios do sol, o que é um espetáculo inestimável. De tôda a Índia, Pérsia e Etiópia recebe a ilha muitos navios por estar no meio das outras, e por sua vez (para lá) também envia (os seus). E das partes mais internas, quero dizer, da China e de outros mercados, ela recebe sêda, alôes, cravo da Índia (*karyophyllon*), "tzandana" e tudo quanto há na região. E os vende aos de fora, quero dizer, para Male, onde há pimenta para Calliana, onde há cobre e madeiras de sêsamo e outras cousas (próprias para fazer) vestes, pois é também um grande mercado (Migne, *Patrologia Grega*, 88, 446).

dois monges nestorianos trouxeram, entre 552 e 554, ovos do bicho da sêda dentro dos seus cajados de bambu (53). O monopólio oriental estava terminado, se bem que durante ainda muito tempo se importasse êsse tecido da China.

\* \*  
\*

### INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Luiz César Aguiar Bittencourt da Silva* (Universidade Federal Fluminense).

Diz que sendo a sêda, através de seu beneficiamento, um dos fatores fundamentais da riqueza bizantina, sobretudo na época anterior às Cruzadas, pergunta por que o Autor afirma que ela só se expandiu após aquêles acontecimentos. Tem dúvidas em admitir que somente o mercado interno fôsse o fator preponderante dessa riqueza.

\*

Do Prof. *José Calazans* (Universidade Federal da Bahia).

Pergunta que relação existe entre a “estrada da sêda” da época dos descobrimentos e a rota da sêda da época dos romanos?

\*

Do Prof. *Ricardo Mário Gonçalves* (da FFCL da USP).

Diz que, inicialmente, quer se congratular com o Prof. Eurípedes Simões de Paula pelo seu trabalho, que vem complementar os elaborados pelos especialistas orientais, principalmente os japoneses, apresentando farta documentação latina, à qual não têm acesso os estudiosos nipônicos.

Afirma que gostaria ainda de complementar as considerações do Prof. Simões de Paula sobre o comércio Oriente-Occidente durante o Império Romano chamando a atenção para a existência, nessa época, do Império *Kushana*, abrangendo o norte da Índia e grande parte do Turquestão Ocidental, como natural mediador entre os Impérios Chinês e Persa. Um importante testemunho das relações entre Roma e a Índia, além das moedas romanas encontradas na costa indiana é a arte de Gandhara desenvolvida na região do mesmo nome, no nordeste da Índia, pertencente na época ao Império *Kushana*.

(53). — Charles Diehl e Georges Marçais, *Le monde oriental de 395 a 1081*. Vol. III da “Histoire du Moyen Age” da Coleção Glotz. Paris. Presses Universitaires de France. 1936, pág. 94.

Os primeiros estudiosos da arte de Gandhara julgaram-na de influência romana. A escultura de Gandhara lembra a escultura provincial romana e suas últimas fases se aproximam do românico e do gótico, o que representa um fascinante problema para os especialistas da História.

\*

Do Prof. *Antônio Carlos Vilela Braga* (Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos. SP).

Pergunta se somente a sêda determinou a existência da chamada “rota da sêda”?

\*

Da Profa. *Emília Thereza Alvares Ribeiro* (Faculdade de Filosofia de Campo Grande e Instituto de Altos Estudos Históricos e Sociais. GB).

Diz que concorda com o Prof. Simões de Paula quanto ao fato de o comércio bizantino não poder compensar o comércio oriental. Congratula-se com o Autor não só pela importância do trabalho, como pelo fato de, por um acaso corresponder a uma complementação do seu próprio trabalho.

Como subsídio e complementação quer demonstrar que, realmente a partir do século VIII até fins do IX — quando se inicia a reação bizantina — os árabes mantiveram não só os principais portos do Mediterrâneo, como pontos estratégicos em seu poder, como impediram a navegação cristã.

Mesmo no período que se inicia nos fins do IX século, quando os bizantinos se equilibraram no seu comércio, eles se mantêm com dificuldade em face dos muçulmanos.

Bizâncio, herdeira de Roma, mantém seu comércio mais pelas vias terrestres do que pelas marítimas.

Continuando, diz desejar apenas frisar a importância da Síria em todas as épocas históricas pela sua posição de intermediária entre o Oriente e o Ocidente — isso tanto no sentido comercial, como na área cultural. Até às Cruzadas a Síria é muçulmana e isso teve largas consequências negativas para Bizâncio.

Quanto à questão de Veneza diz que é preciso esclarecer que essa cidade mantinha comércio com Bizâncio, através do Adriático, até o século X. Mas esse comércio era dificultoso e por isso mesmo ela procurava inclusive obter tratados de comércio com os árabes.

Com as Cruzadas os postos chaves desse comércio com o Levante foram tomados pelos cristãos e a situação mudou bastante.

\* \*  
\*

#### RESPOSTAS DO PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA.

Inicialmente agradeceu as intervenções feitas ao seu trabalho e passou imediatamente a respondê-las.

\*

*Ao Prof. Luiz César Aguiar Bittencourt da Silva.*

Diz que se deve atentar para o fato de que a indústria da tecelagem da sêda se concentrava principalmente na Síria. Quando esta foi tomada pelos árabes, Bizâncio perdeu muito com isso. A produção da sêda na parte que lhe restou era insuficiente mesmo para o consumo interno, sendo obrigada a importar peças desse tecido. Daí ter afirmado que com as Cruzadas a situação modificou-se extraordinariamente. Os mercadores italianos se abasteciam diretamente na fonte de produção.

\*

*Ao Prof. José Calazans.*

Responde afirmativamente, dizendo que na época dos descobrimentos marítimos continuava a existir esporadicamente comércio através da Rota da Sêda, mas que o comércio muçulmano no Oceano Índico em busca da sêda e das especiarias se fazia sobretudo por via marítima.

\*

*Ao Prof. Ricardo Mário Gonçalves.*

Concorda inteiramente com as suas observações, mas pondera apenas que a chamada arte de Gandhara, que recebia influência ocidental na época romana, era produzida por artistas do Mediterrâneo Oriental, nitidamente de formação helenística, daí o aspecto grego dessa arte.

\*

*Ao Prof. Antônio Carlos Vilela Braga.*

Diz que chamamos de “rota da sêda” uma determinada via de comércio porque essa mercadoria era a mais importante, não só sob

o ponto de vista de qualidade, como também de preço. Mas as rotas marítimas carreavam, além da sêda, inúmeros outros produtos, principalmente aquêles que chamamos de “especiarias”, que eram produzidos no sudeste da Ásia.

\*

A Profa. *Emília Thereza Alvares Ribeiro*.

Afirma que a intervenção da Professôra, vem em abôno da sua tese de que o Mediterrâneo fôra fechado pelos muçulmanos, como sustentava Henri Pirenne. Não vê objeção alguma apresentada ao seu trabalho e quanto à posição geográfica da Síria e a sua importância para o comércio levantino já respondeu em parte quando retrucou ao Prof. Luiz César Aguiar Bittencourt da Silva. Concorda inteiramente com a observação.